

ANSIEDADE E TECNOLOGIA: REFLEXÕES SOBRE COMO A TECNOLOGIA PODE DESENCADRAR ANSIEDADE NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Jéssica dos Santos Dalmagro¹
Talita Suelen Belini²
Renato Victorino Delgado³

RESUMO: O presente Trabalho de Conclusão de Curso, aborda através de revisão bibliográfica o desenvolvimento de ansiedade na primeira infância ocasionado pelo uso exacerbado de tecnologias, com embasamento teórico da análise do comportamento proposto por Skinner. A revisão bibliográfica também pontua possíveis orientações aos pais ou responsáveis para a modificação dos repertórios comportamentais que favoreçam o bem-estar das crianças. São levantadas algumas considerações sobre os marcos do desenvolvimento infantil e as intercorrências da pandemia do Coronavírus e possíveis intervenções clínicas para tratar a ansiedade infantil.

Palavras-chave: Ansiedade; Tecnologia; Primeira Infância.

ANXIETY AND TECHNOLOGY: REFLECTIONS ON HOW TECHNOLOGY CAN BECOME TRIGGERS FOR ANXIETY IN EARLY CHILDHOOD

ABSTRACT: The following Final Paper addresses, through a bibliographic review, the development of anxiety in the first infancy caused by the overuse of technology with a theoretical basis from the behavioral analysis proposed by Skinner. The bibliographical review also punctuates possible orientations for parents and guardians to adjust to behavioral repertoires that favor the well-being of children. It brings considerations about the concept of anxiety, the milestones of child development, the complications of the Coronavirus pandemic, and possible clinical interventions to treat anxiety in children.

Keywords: Anxiety; Technology; Early Childhood.

ANSIEDAD Y TECNOLOGÍA: REFLEXIONES SOBRE CÓMO LA TECNOLOGÍA PUEDE SER DETONADORES DE ANSIEDAD EN LA PRIMERA INFANCIA

RESUMEN: El presente trabajo de conclusión de curso, aborda através de revisión bibliográfica el desarrollo de ansiedad en la primer infancia causado por el uso acirrado de tecnologías ,con basado teórico de la análisis del comportamiento propuesto por Skinner. La revisión bibliográfica también apunta posibles orientaciones a Los padres o responsable para la modificacion del repertorio conductual a favor del bienestar de los ninos.Son observadas algunas consideraciones sobre el concepto de ansiedad, Las marcas del desarrollo infantil, las complicaciones de la pandemia del coronavirus y posibles intervenciones clinicas para tratar la ansiedad infantil.

Palabras clave: Ansiedad; Tecnologia; Primera Infancia.

¹Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR, Umuarama-PR. E-mail: jessica.rebuci@edu.unipar.br

²Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR, Umuarama-PR. E-mail: talita.belini@edu.unipar.br

³Docente da Universidade Paranaense - UNIPAR, Umuarama-PR. E-mail: renatodelgado@prof.unipar.br

1. INTRODUÇÃO

É inegável que o uso de tecnologias como celulares, smartphones, tablets, entre outros, encontram-se cada vez mais difundidos em nosso meio. Essas ferramentas tecnológicas são utilizadas tanto por adultos como por crianças ainda na fase considerada como primeira infância, como distratores, recreativos digitais, em práticas metodológicas escolares, e em atividades voltadas ao desenvolvimento infantil (DESMURGET, 2021).

A difusão em larga escala das tecnologias tornou-se mais notável com o advento da pandemia do Coronavírus (SARS-cov-2) ocorrido a partir do ano de 2020 e perdura até os dias atuais. Os efeitos da pandemia acarretaram em tomadas de medidas sanitárias, como por exemplo, a suspensão das aulas escolares presenciais, momento em que o emprego de aplicativos tecnológicos foi adotado pelas instituições de ensino com práticas distintas de utilização nos diferentes níveis e etapas de escolarização, incluindo nessa dinâmica a utilização para as crianças da primeira infância. Outra constatação foi o emprego de aparatos tecnológicos de forma mais acentuada e rotineira nos ambientes familiares, para utilização em jogos, exibição de vídeos, filmes, videochamadas, entre outros, levando ao desfrute exacerbado das tecnologias. Nesse período, algumas mudanças comportamentais se tornaram cada vez mais evidentes no que diz respeito ao desenvolvimento na primeira infância (ALMOND, CURRIE e DUQUE, 2018).

A primeira infância é conhecida como período de vida que vai da gestação até os seis anos de idade, de acordo com o registrado no Marco Legal da Primeira Infância, Lei nº 13.257 de 8 de março de 2016. Nesse período os indivíduos constroem as estruturas e circuitos cerebrais essenciais para a realização de atividades e tarefas complexas. Além disso, a fase de desenvolvimento da estrutura cerebral, a partir das interações da criança com o ambiente, é um período de maior sensibilidade, devido à plasticidade do cérebro (IBIDEM, 2018).

Tendo em vista que o advento da pandemia culminou em maior operacionalização das tecnologias e em observância a afirmação dos autores acima quanto a interação da criança com o ambiente, em uma fase de grande plasticidade neural, torna-se relevante uma reflexão aprimorada sobre o quanto as crianças são afetadas com as implicações desse período. Vale ressaltar que, de acordo com Kang (2021), quando não há um uso equilibrado e consciente desses dispositivos eletrônicos, eles podem ocasionar diversos problemas de saúde física e mental nas crianças, incluindo a ansiedade.

Paiva e Costa (2015) também pontuaram que a dependência tecnológica pode gerar ansiedade. Os autores afirmam que os vínculos familiares ficam afetados se não houver o uso equilibrado das tecnologias, dado a possibilidade de maior ocorrência de desconstrução desses vínculos. Segundo os autores, as crianças deste século nasceram em um período cujas relações

sociais são mantidas em alicerces tecnológicos. E as crianças envolvidas neste meio aprendem a utilizar esses recursos até antes de estarem alfabetizadas.

De acordo com os estudos e pesquisas realizados pela OECD (2018) citado nos estudos de Michel Desmurget (2023), em crianças entre dois e oito anos de idade, o tempo de uso de tela é de aproximadamente 2h45min por dia. No mesmo estudo, temos que o uso excessivo de telas (incluindo celulares, computadores, notebooks, televisão, entre outros) pode acarretar diversas consequências, tais como transtornos físicos e mentais, dificuldades de comunicação, falta de concentração e foco, problemas oftalmológicos e ansiedade. Sendo assim, este trabalho embasado na filosofia do behaviorismo radical na abordagem Clínica da Análise do Comportamento proposta por Skinner, busca compreender a partir de levantamentos bibliográficos, como a análise do comportamento compreende a ansiedade na primeira infância mediante a exposição com maior frequência a telas ou outros aparatos tecnológicos, e as possibilidades de intervenções terapêuticas naquelas que apresentam ansiedade, bem como, trazer algumas orientações aos pais ou responsáveis quanto a ampliação de repertórios comportamentais e o uso controlado das tecnologias na primeira infância.

Baseado nas reflexões sobre o tema proposto e sua pertinência, serão abordados na sequência, o ponto de vista de alguns autores sobre ansiedade causada na primeira infância e o uso das tecnologias na perspectiva analítico-comportamental.

2. A PRODUÇÃO DA ANSIEDADE FRENTE AO USO DAS TECNOLOGIAS NA FASE DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL, SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Na análise do comportamento, o termo *ansiedade* se refere a um episódio emocional no qual há interação entre o comportamento operante e respondente (BORGES e CASSAS, 2012, p. 44). De acordo com os autores mencionados, no comportamento respondente, as respostas são eliciadas pela apresentação de um estímulo antecedente e no comportamento operante, a classe de estímulos que o define tem o efeito de selecionar e manter uma classe de respostas. Os sintomas da ansiedade então referem-se não só a respondentes como taquicardia, sudorese, alteração de pressão sanguínea, como também a respostas operantes de fuga e esquiva de estímulos aversivos condicionados e incondicionados.

De acordo com a 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria (DSM, 2015):

[...] os Transtornos de Ansiedade incluem transtornos que compartilham características de medo e ansiedade excessivos e perturbações comportamentais relacionadas. Os sintomas

podem ser divididos em: sintomas subjetivos, referentes à percepção de sensações desconfortáveis como angústia, inquietação, preocupações excessivas, medo ou pavor; e sintomas físicos referentes às sensações corporais como aperto no peito, palpitação, falta de ar, náusea, cólica abdominal, transpiração excessiva, tontura, tremores, calafrios ou formigamentos. Entre os transtornos estão transtorno de ansiedade de separação, mutismo seletivo, fobia específica, transtorno de ansiedade social, transtorno de pânico, agorafobia, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno de ansiedade induzido por substância/medicamento, transtorno de ansiedade devido a outra condição médica, outro transtorno de ansiedade especificado e transtorno de ansiedade não especificado (DSM – 5, 2015, p. 189).

Na mesma página do documento mencionado, muitos transtornos de ansiedade se desenvolvem na infância e tendem a persistir se não forem tratados.

Nesse viés de abordagem, são considerados alguns fenômenos como o uso de aparatos tecnológicos de forma inadvertida, que podem influenciar nas respostas comportamentais e no desenvolvimento de uma criança, causando efeitos, sintomas e transtornos indesejados como a ansiedade. Enfatizando o transtorno de ansiedade, expõe Kang (2021):

A forma como nossas crianças estão usando a tecnologia, e sendo estimuladas a usá-la – inadvertidamente, rolando telas enquanto se alternam entre quatro ou cinco aplicativos abertos, com um videogame no fundo -, não é, claro, saudável para o desenvolvimento mental delas. Isso quer dizer que o cérebro está em constante demanda, o que, por sua vez, torna as crianças reativas e nervosas, levando-as a sentimentos de inquietação e ansiedade (KANG, 2021, p. 20).

Como aponta a autora, múltiplos estímulos são potencializados na criança durante o uso das tecnologias, pois nestes momentos há grande demanda de atividades neuronais exigidas do cérebro, que acabam por produzir inquietações e outros efeitos adversos à saúde, dentre estes, a ansiedade.

Nesta perspectiva, entende-se que quando são inseridos aparelhos tecnológicos na rotina cotidiana de uma criança que se encontra no início de seu desenvolvimento, alguns atravessamentos podem ser negativos, dependendo de como se dá tal dinâmica. Outro prejuízo que pode ocorrer é a ausência de interação com o meio, ou seja, o afastamento de atividades relacionadas ao brincar, pintar, correr, jogar, entre outras.

A interação com o brincar é importante para o desenvolvimento da criança, pois estimula o aprendizado, a socialização e o gerenciamento das emoções, conforme expõe o Centro de Excelência para o Desenvolvimento para Primeira Infância (2018):

O brincar dirigido é eficaz para o desenvolvimento de habilidades específicas, como as acadêmicas. Já o brincar livre, não estruturado e conduzido pela criança, favorece o desenvolvimento de respostas de gerenciamento emocional, de planejamento, resolução de problemas e do trato com emoções difíceis (CEDPI, 2018, s/p.).

Ou seja, a busca pela brincadeira e a autorregulação das próprias emoções e do lidar com as emoções dos demais é um processo social que tem o seu desenvolvimento na primeira infância.

De acordo com Brites (2020):

Nos primeiros anos de vida, o cérebro do bebê tem cem bilhões de neurônios e faz aproximadamente um milhão de novas conexões neurais por segundo. Muita gente não valoriza os momentos que a criança passa brincando, o que pode custar caro lá na frente (BRITES, 2020, p. 18).

A autora ilustra que é por meio da interação com as brincadeiras que as crianças experimentam o mundo, testam habilidades, aprendem regras, treinam relações sociais, simulam situações e conflitos e assim, compreendem melhor suas emoções e sentimentos.

A diminuição do brincar livre e o uso excessivo de telas podem afetar o desenvolvimento neurológico da criança. Conforme explana Kang (2021),

[...] o tempo excessivo de telas pode trazer as seguintes consequências: liberação de quantidades prejudiciais de cortisol, desencadeando a reação de estresse, desejo por quantidades perigosas de dopamina, o que pode levar ao vício e redução na liberação natural de oxitocina, serotonina e endorfinas, que são a chave para a saúde, a felicidade e o sucesso a longo prazo (KANG, 2021, p. 25-26).

Ao refletir sobre o desenvolvimento da criança, uma das mais importantes considerações a ser feita é sobre como se dá a socialização. É nesse contexto que os processos de aprendizagem são valorizados no ambiente familiar, escolar ou de lazer, e a identificação dos tipos de déficits determinantes para a aquisição de habilidades sociais. A habilidade social ocorre quando o indivíduo tem capacidade de se comportar de maneira adequada em relação aos seus sentimentos e emoções, as suas opiniões, em lugares e com pessoas distintas, em detrimento ao comportamento dos demais, reduzindo ao mínimo, problemas atuais ou futuros, de acordo com Del Prette e Del Prette (2009). O isolamento social geralmente reflete um desempenho empobrecido em habilidades sociais, com déficits na comunicação, que pode expor a criança a situação embaraçosa, dentre outros agravantes, podendo desencadear transtornos, como o da ansiedade (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2005).

Em outras idades, há evidências científicas quanto ao uso de aplicativos ou dispositivos. A exemplo, no universo dos smartphones e tablets, multiplicam-se as opções de aplicativos e dispositivos coloridos, com sons, brilhos e diferentes modelos de pontuações ou certas estratégias para continuar para próximo vídeo ou jogo, sendo estes estímulos reforçadores para a utilização. De acordo com IBGE (2018) citado por Santos e Pitanga (2023), cerca de 79% das crianças com dez anos ou mais possuem um aparelho celular e 98% delas acessam a internet via este dispositivo. Considerando Moreira e Medeiros (2019), na perspectiva da análise do comportamento, um reforço

é positivo quando aumenta a probabilidade de um comportamento voltar a ocorrer devido a mudanças provocadas no ambiente após a adição de algum estímulo. Considerando o alto percentual de utilização de celulares por crianças com dez anos de idade, entende-se que há, como conceitua a análise do comportamento, a prevalência de reforçadores positivos nessa manutenção comportamental.

Segundo Desmurget (2023) a questão central é compreender o que é uma utilização excessiva de tela e quando é considerado um tempo prejudicial à saúde física e mental. No coração dos primeiros anos, as telas são uma corrente glacial. Não somente roubam do desenvolvimento um tempo precioso, mas também danificam a construção cerebral. Aqueles que virem por trás dessa preconização o sinal de pensamento excêntrico, é possível verificar a decisão e orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS) quanto ao uso de telas:

Tabela 1

Idade:	Descrição:
0 a 2 anos de idade	A exposição de telas não é recomendada
2 a 3 anos de idade	A exposição a telas deve ser a menor possível, mas ainda deve ser limitada a uma hora por dia
3 a 5 anos de idade	A exposição a telas pode ser um pouco maior, mas ainda deve ser limitada a uma hora por dia
5 a 17 anos de idade	A exposição a telas deve ser limitada a, no máximo, duas horas por dia.

Fonte: OMS – Estruturação/adaptação da tabela pelos autores.

Verifica-se assim, o quanto as telas são pouco recomendadas, limitadas na primeira infância. Desmurget (2023), ressalta que os primeiros anos de existência são fundamentais em matéria de aprendizagem e de amadurecimento cerebral. Sendo assim, o que não foi estabelecido durante as idades precoces do desenvolvimento em termos de linguagem, coordenação motora, pré-requisitos matemáticos, hábitos sociais, gestão emocional, revela-se cada vez mais custoso adquirir com o passar do tempo.

Argumenta-se ainda que alguns marcos do desenvolvimento devem ser considerados, para melhor compreender o que ocorre em cada fase da vida de uma criança. No Brasil, os marcos de

desenvolvimento são definidos pelo Ministério da Saúde (2016), com etapas sobre habilidades cognitivas, sociais, emocionais e de linguagem.

Nestes marcos temos que de zero a seis meses é previsto que a criança tenha reação aos sons, sorria quando é estimulada, tenha busca ativa de objetos e responda ativamente ao contato. Dos seis meses até um ano e meio que duplique as sílabas, sente-se sem apoio, faça movimento de pinça e consiga andar sem apoio. Na idade que compreende de um ano e meio até três anos e meio há o arremesso de bola, a compreensão de dois adjetivos e o equilíbrio em cada pé em um segundo. Dos três anos e meio aos cinco anos é esperado que a criança faça emparelhamento de cores, vista-se sem ajuda e realize a definição de cinco palavras.

Pode-se dizer que o principal papel do tempo no estudo analítico-comportamental do desenvolvimento é caracterizar a dimensão ao longo da qual o estudo se dá. Já a idade, enquanto dimensão temporal, pode atuar como uma variável descritiva, com a qual se correlacionam determinadas mudanças, de forma a resumir e sistematizar informações (GEHM, 2013, p.19 apud ROSSI, LINARES e BRANDÃO, 2020).

Os primeiros anos de vida costumam ser considerados críticos para o desenvolvimento de crianças, havendo estudos que apontam que experiências vividas na primeira infância podem exercer influências mais expressivas do que as observadas em outros momentos da vida, complementam os autores (ROSSI, LINARES e BRANDÃO, 2020).

Tomando como parâmetro o exposto pelos autores supramencionados, entendemos que alguns acontecimentos nesses primeiros anos podem influenciar o que é desejado ou esperado pela cultura e assim distanciar o indivíduo de uma aquisição de linguagem e de habilidades cognitivas e emocionais. Reflete-se assim o quanto o uso das tecnologias nos primeiros anos de vida podem ser fatores que acabam por afastar uma criança do seu meio ambiente, das relações com seus pares, culminando em baixo desenvolvimento na aquisição de habilidades essenciais para seu desenvolvimento biopsicossocial.

De acordo com Casella e Filho (2020, p. 73) , ao mencionar os estudos de Bijou (1993), dizem que, “... Uma das definições do desenvolvimento infantil sob a perspectiva da Análise do Comportamento é o conjunto de mudanças progressivas decorridas da interação entre a criança e seu ambiente, num processo interdependente e bidirecional”. Ou seja, é preciso olhar para a criança e para todo o aspecto biológico, no conjunto das suas características enquanto ser humano e a sua interação com o ambiente.

Na visão analítica comportamental proposta por Skinner, o desenvolvimento pode ser compreendido como mudanças progressivas nas interações entre comportamento e ambiente, ou

seja, o foco está na forma como essa interação entre as variáveis se transformam ao longo do tempo (BIJOU e BAER, 1961).

De acordo com Sampaio (2005), Skinner é considerado o maior representante do behaviorismo radical onde determina de forma científica o comportamento como seu objeto principal de estudo. A Análise do Comportamento é uma ciência e abordagem psicológica que tem o comportamento humano como seu objeto de estudo. Tem como embasamento os fundamentos filosóficos do behaviorismo radical, criado pelo psicólogo americano B. F. Skinner (1904/1990), que ao investigar essa temática buscou compreender o comportamento humano a partir da relação entre o organismo e o ambiente.

Segundo Skinner (1957, p.1), “os homens agem sobre o mundo e o modificam e, por sua vez, são modificados pelas consequências de sua ação”. De acordo com o autor, o comportamento é a relação estabelecida entre organismo e ambiente, sendo que o termo "ambiente" se refere ao contexto em que o comportamento ocorre e é influenciado. Ou seja, é tudo aquilo que afeta o comportamento humano pois, é no ambiente que estão presentes os conjuntos de eventos que afetam o modo como o indivíduo se comporta.

Moreira e Medeiros (2019) refletem sobre o pensamento de Skinner, onde ele investiga a existência de três níveis de causalidade do comportamento que em maior ou menor medida estarão sempre atuando no comportamento, sendo eles: filogenético, ontogenético e cultural. O filogenético são as características enquanto ser humano, ou seja, cor dos olhos, tom de voz, cor da pele e respostas reflexas que não são possíveis de controlar. Já o ontogenético tem como fundamento as consequências de quem o indivíduo foi se tornando ao longo de sua história, ou seja, como foi se constituindo. E o nível cultural é a produção da subjetividade dentro da cultura do país e meio social onde esse sujeito está inserido. Neste nível surge o comportamento social, a aprendizagem por imitação e a modelação.

Assim, considerando que mudanças em padrões comportamentais infantis estão sendo observados e requerem cuidado, quando o fator desencadeante da ansiedade for identificado em um pareamento com o uso das tecnologias de forma inadvertida, com as intervenções propostas pela análise do comportamento é possível desenvolver novos repertórios comportamentais, havendo necessidade de compreender a criança e seu meio, os reforçadores ambientais, as interações familiares, dentre outros aspectos que ao longo do processo possam se tornar relevantes.

3. INTERVENÇÕES EM CASOS DE ANSIEDADE INFANTIL DECORRENTES DO USO INADVERTIDO DAS TECNOLOGIAS E ORIENTAÇÕES AOS RESPONSÁVEIS

A abordagem comportamental tem como pressuposto essencial a determinação do comportamento causado pelo ambiente, ou seja, “deve ser buscado no ambiente do cliente a problemática apresentada” (SILVARES, 2014, p. 19-20).

A autora expõe que a intervenção clínica é o processo que sucede o diagnóstico e se intercala a ele, tendo como objetivo as possíveis alterações comportamentais, ou atuar de forma a alcançar repertórios que ofereçam ao cliente, aquele que busca auxílio, quer seja um adulto ou uma criança, seu bem-estar.

Os comportamentos problemáticos do cliente e em quais condições são mantidos são identificados na avaliação diagnóstica comportamental. Pela avaliação diagnóstica é possível elaborar a definição de estratégias para alterar esses comportamentos, auxiliar na eficácia do tratamento proposto e nas possíveis mudanças das estratégias, se constatado a não efetividade do mesmo. Outro importante fator a ser observado se relaciona ao autoconhecimento. “Produzir autoconhecimento é meta fundamental na psicoterapia de crianças”, expõe Silves (2014). Assim,

Ao ajudar a criança a observar seu ambiente e a observar-se, descrever o que observa e estabelecer relação entre o que se passa no seu mundo privado e no seu ambiente externo ou, ainda, entre suas respostas privadas e suas respostas públicas, o terapeuta a está ajudando a constituir seu autoconhecimento e a expressá-lo adequadamente (SILVARES, 2014, p. 89).

Para Skinner os eventos públicos são diretamente observáveis e, portanto, acessíveis à observação direta, enquanto os eventos privados são aqueles que inicialmente eram públicos, tornaram-se eventos privados devido às contingências e que só são acessíveis a cada indivíduo em particular, como por exemplo, o pensar, o ouvir, o ver (COSTA, 2002).

Acrescenta Costa (2002) que além dos diferenciais apontados acima, em 1945 Skinner atribui ao mundo privado dos indivíduos aqueles estímulos que cada um pode sentir a partir de suas condições corporais ou alterações fisiológicas.

A filosofia behaviorista radical se posiciona que:

[...] o que ocorre no mundo privado não é um início, ou melhor, não existe uma relação de determinação entre eventos privados e públicos. Isto significa que tanto comportamentos públicos quanto eventos privados – comportamentos e alterações fisiológicas – são produtos da relação que o indivíduo estabelece com seu ambiente externo (COSTA, 2002, p. 18).

Segundo Costa (2002) a etapa inicial do processo terapêutico consiste na avaliação dos comportamentos problema trazidos pelo cliente, por meio das queixas apresentadas.

Para alguns tipos de tratamento a ação envolve a criança, o psicólogo e pais, bem como, outros agentes sociais pertinentes a análise do caso. Os autores Silves e Gongora (2015), propõem

sessão de feedback com os pais, com o objetivo de definir estratégias interventivas favoráveis à solução da problemática infantil. Essas etapas se referem a transferir para os pais as informações obtidas com os instrumentos de avaliação utilizados no processo de diagnóstico infantil; chegar com os pais ao estabelecimento consensual das “causas” dos problemas infantis que os levaram para a clínica e discutir formas de superar o problema (SILVARES e GONGORA, 2015).

Quanto à intervenção com os pais em Terapia Analítico-Comportamental umas das propostas é a orientação e treinamento parental. As intervenções com os pais partem das premissas de que o ambiente pode produzir, manter ou intensificar padrões de comportamento da criança; o relacionamento com os pais é uma parte significativa do ambiente da criança; e, os comportamentos das crianças podem ser modificados por meio da mudança dos comportamentos de seus pais (ROSSI, LINARES e BRANDÃO, 2020).

Quando o psicoterapeuta está de posse de informações mais completas sobre as complexas cadeias comportamentais envolvidas na queixa e as amplas redes de determinantes, ele está em melhor condição de analisar a conduta dos pais e de orientá-los (SILVARES, 2014, p. 91-92).

Os pais precisam identificar, ainda, seus hábitos no uso de eletrônicos e avaliar uma possível necessidade de mudança para que sejam modelos coerentes com o que esperam em relação ao comportamento dos filhos. Ampliar o repertório comportamental da criança/adolescente também é fundamental. É comum ouvir crianças e adolescentes afirmarem que utilizam os eletrônicos por não terem outra atividade, sentem-se ansiosos diante da perspectiva de ficarem sem ter algo que consideram interessante para fazer. Diante dessas situações, destaca-se a necessidade de desenvolver outras habilidades, como ler, escrever, desenhar, praticar jardinagem, cozinhar, pintar, fazer artesanato, cuidar dos animais (SANTOS e PITANGA, 2023).

Ressalta-se que pela abrangência do tema, o objetivo deste trabalho não consiste em oferecer respostas definitivas quanto ao uso das tecnologias na primeira infância e as causas da ansiedade infantil, e sim, estabelecer de forma reflexiva os múltiplos fatores que podem desencadear a ansiedade na primeira infância, dentre estes, o uso das tecnologias sem observar uma regularidade em parâmetros saudáveis nesta importante fase do desenvolvimento da criança.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre a proposta apresentada ao longo da temática abordada, é possível compreender que a tecnologia, assim como a infância, passou e continuará passando por inúmeras transformações. As concepções de infância e as fases/ marcos do desenvolvimento infantil, ao qual

vinculou-se o presente levantamento bibliográfico, identificou diversos aspectos relevantes sobre a primeira infância e a ansiedade, em um viés relacionado ao uso de tecnologias.

Evidenciou-se que na primeira infância ocorrem muitas mudanças em níveis biológicos, psicológicos e sociais, fase da aprendizagem livre e sistematizada, de modelagem comportamental em aspectos ambientais distintos. Considerando a primeira infância como um período de grande plasticidade neural que culmina em maior sensibilidade no cérebro infantil, o uso inadvertido das tecnologias nesta fase do desenvolvimento pode desencadear transtornos prejudiciais à criança tornando-se relevante a intervenção psicológica e clínica.

Com a presença da tecnologia em meio a uma sociedade globalizada, o brincar tomou proporções distintas. O que antes era algo que inferia sobre o estar junto com o outro, compartilhando experiências, hoje, é colocado como um anseio, o uso de tecnologias para o divertimento, visto que as crianças passam a maior parte do tempo diante desses aparatos tecnológicos. Pode-se perceber que uma grande característica dessa nova era, é a troca de brincadeiras tradicionais por jogos eletrônicos. São poucas as vezes que vemos as crianças brincando de pega-pega, esconde-esconde, ou pulando corda dentre outras brincadeiras que estimulam a criatividade, instigando também a melhoria das relações sociais e o diálogo entre seus pares.

O estudo possibilitou reflexões sobre como as tecnologias podem afetar a vida da criança e possíveis estratégias que possam ser adotadas para a utilização consciente dos aparatos tecnológicos que se encontram disponíveis para o uso das crianças em diferentes momentos e contextos de suas vidas.

REFERÊNCIAS

ALMOND, D.; CURRIE, J.; DUQUE, V. "Childhood circumstances and adult outcomes: Act II". **Journal of Economic Literature** **56**, n. 4, 2018, p. 1360-1446.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. **Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. (Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento et al.). 5. ed., Porto Alegre: Artmed, 2014.

BIJOU, S.W.; BAER, D.M. **Psicología del desarrollo infantil: teoría empírica y sistemática de la conducta**. Editorial Trillas. (Trad. De Francisco Montes), 1961.

BORGES, N, B., CASSAS, F. A. **Clínica analítico-comportamental aspectos teóricos e práticos**. Porto Alegre, Artmed, 2012.

BRASIL, Ministério Público do Paraná. **Lei nº 13.257/2016. Marco Legal da Primeira Infância**, 2016. Disponível em: <https://site.mppr.mp.br/crianca/Pagina/Marco-Legal-da-Primeira-Infancia>
Acesso em: 20 jun. 2023.

BRITES, L. **Brincar é fundamental:** como entender o neurodesenvolvimento e resgatar a importância do brincar durante a primeira infância. São Paulo: Editora Gente, 2020. 176p.

CASELLA, C.B.; FILHO, M.V.D. Influências biológicas no desenvolvimento do comportamento infantil. In: ROSSI, A; LINARES, I; BRANDÃO, L. **Terapia Analítico-comportamental infantil**. 1. ed. São Paulo: Centro Paradigma Ciências do Comportamento, 2020.

CEDPI - CENTRO DE EXCELENCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PRIMEIRA INFANCIA. **Aprendizagem por meio de jogos e brincadeiras:** a alegria de aprender brincando. Disponível em:
<https://www.encyclopedia-crianca.com/sites/default/files/aprendizagem-por-meio-de-jogos-e-brincadeiras-info.pdf> Acesso em: 15 jun. 2023.

COSTA, N. **Terapia Analítico- Comportamental:** dos fundamentos filosóficos a relação com o modelo cognitivista. 1 ed. São Paulo, ESETec Editores Associados, 2022.

DEL PRETTE. Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das Habilidades Sociais:** Terapia e Educação. Vozes: Petrópolis, RJ, 2005.

_____. A. **Psicologia das Habilidades Sociais:** Diversidade teórica e suas implicações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DESMURGET, M. **A Fábrica de cretinos digitais:** os perigos das telas para nossas crianças. 1 ed. São Paulo. Vestígio, 2023.

GEHM, T. P. **Reflexões sobre o estudo de desenvolvimento na perspectiva da Análise do Comportamento.** 2013. 73f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em:
https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-28062013-161959/publico/gehm_me.pdf
Acesso em: 25 jul. 2023.

KANG, S. **Tecnologia na infância:** criando hábitos saudáveis para crianças e um mundo digital. (Trad. Shimi Kang e Tássia Carvalho). 1. ed., São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos da análise do comportamento,** Porto Alegre, Artmed, 2007.

_____. **Princípios básicos de análise do comportamento.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

PAIVA, N. M. N.; COSTA, J. S. **A influência da tecnologia na infância.** Faculdade Santo Agostinho (FSA) Teresina, Piauí, Brasil, 2015. Disponível em
<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf> Acesso em 11 set 2023.

ROSSI, A; LINARES, I; BRANDÃO, L. **Terapia Analítico-comportamental infantil.** 1. ed. São Paulo: Centro Paradigma Ciências do Comportamento, 2020.

SAMPAIO, A.A.S. Skinner: sobre ciência e comportamento humano. **Psicol. cienc. prof.**, v.25, n.3 Brasília, set. 2005. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300004 Acesso em 1 agost 2023.

SANTOS, A, V; PITANGA, A, V. **Terapia Analítico- comportamental infantil**: práticas criativas do terapeuta no atendimento com crianças. Curitiba Juruá, 2023.

SILVARES, E. F.M. **Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil**. 7.ed. 3ª. impressão. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

SILVARES, E.M.; GONGORA, M. A. N. Entrevistando os pais da criança encaminhada. In: **Psicologia Clínica Comportamental**: a inserção da entrevista com adultos e crianças. 3 ed. São Paulo: Edicon, 2015.

SKINNER, B. F. **Comportamento Verbal**. São Paulo: Cultrix, 1957.

_____. Can Psychology Be a Science of Mind? **American Psychologist**, v. 45, n. 11, 1990, pp. 1206-10. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2059925&pid=S1414-989320050003000400015&lng=pt Acesso em 1 agosto 2023.